



CHÁ DAS

MANOEL MARQUES



A falta de segurança no prédio da Academia Campinense de Letras torna pouco frequentes os encontros entre seus membros. Na foto, três dos 40 imortais da ACL: Uassy Martinelli, Maria Conceição Arruda Toledo e Mauro Sampaio



SÉRGIO OLIVEIRA JR.

Quem imagina que a vida de um imortal resume-se a infinitas tardes tomando chá das cinco em meio a conversas descompromissadas e uniformes de gala, não tem a mínima idéia do que seja a rotina da Academia Campinense de Letras que, tal qual suas irmãs Paulista e Brasileira, congrega uma série de intelectuais responsáveis por parte significativa da produção acadêmica da cidade.

Encastelados em uma réplica do *Parthenon* grego, eles se reúnem em sessões ordinárias mensais para discutir temas importantes da Literatura e História, e em sessões solenes, quando comemoram alguma data importante para a Academia ou a recepção de um novo colega. A falta de segurança ao redor do prédio, no entanto, tem dificultado a participação dos mais idosos nestas atividades.

Diferentemente das Academias Paulista e Brasileira, cujos membros recebem *jetons* para comparecer às sessões, a Campinense não tem condições econômicas de manter este benefício aos seus acadêmicos. Fundada em 1956 pelo escritor e professor Francisco Sampaio, o financiamento da Academia vem de contribuições espontâneas dos ilustres intelectuais e da ajuda da Prefeitura, que fornece dois funcionários para a manutenção do prédio. Outra fonte de renda é o aluguel da antiga sede da entidade, que fica no centro da cidade.

"Nossas atividades poderiam ser am-

pliadas caso tivéssemos um apoio econômico maior", relata o poeta Mauro Sampaio, atual presidente da Academia. A falta de verbas para contratar vigias expõe o prédio à ação dos vândalos e assaltantes, além de impedir a utilização do amplo hall de entrada para exposições de artes plásticas ou qualquer outro tipo de evento cultural.

A falta de segurança, inclusive, é apontada pela acadêmica Maria Conceição Arruda Toledo como um dos fatores que dificultam a presença dos seus pares nas sessões ordinárias. "Infelizmente, os arredores da Academia são freqüentemente palcos de assaltos e outras violências. Isto dificulta o acesso dos mais idosos ao prédio".

De fato, há um consenso entre os acadêmicos no que se refere à queda de freqüência nas reuniões. "Esta situação é fruto do desinteresse geral pelas coisas do intelecto que acomete o País", ensaia uma explicação o poeta e acadêmico Uassy Martinelli.

Conceição aponta outros motivos para o número reduzido de participantes. "Nós tivemos nos últimos anos ingressos de membros mais jovens, que ainda trabalham e por isso ficam impedidos de dedicar maior atenção à Academia. Por outro lado, muitos dos nossos membros mais antigos estão muito idosos e já não se locomovem com facilidade".

"Na penúltima reunião em que discurssei", lembra Martinelli, "havia somente uma pessoa presente. Na última, a audiência subiu duzentos por cento, pois lá estavam três pessoas". O acadêmico diz não se surpreender com estes

números. "Em um País onde as empresas investem milhões em modalidades esportivas, mas não reservam nada para a cultura, estas coisas não assutam", dispara.

Mauro Sampaio estima que a média de público por sessão gira em torno de 10 pessoas. "É uma média muito próxima da Academia Brasileira de Letras que, na última reunião contou com a presença de 14 pessoas, de acordo com um boletim que me enviaram. A Academia Paulista também não apresenta uma média maior", calcula.

De acordo com o presidente da entidade, este baixo índice de comparecimento não retira o prestígio da Academia. "Todo o intelectual campineiro tem o desejo de entrar na Academia. Muita gente de renome se inscreve", defende.

A maioria dos 40 membros da Academia é formada por historiadores, em seguida vêm os prosadores e poetas. O processo para se tornar um imortal se inicia com a manifestação de interesse do intelectual em candidatar-se a uma das cadeiras vagas da Academia. É feita uma análise rigorosa da obra deste candidato e, posteriormente, uma eleição para ver com quem fica a vaga.

"Nós levamos uma vida normal, apenas temos nossos deveres acadêmicos que gostamos de observar", afirma Conceição. Indicado e efetivamente empossado durante uma sessão de gala, o novo membro já está apto a participar destes rituais acadêmicos. As reuniões sempre se iniciam com a palavra do presidente, seguidas de uma palestra sobre os mais variados temas, feitas pelos próprios acadêmicos.

Romancista é a nova integrante

A romancista Ana Suzuki está se preparando para ser a mais nova imortal da Academia Campinense de Letras. Ela foi eleita no início do mês e toma posse em uma sessão solene no dia 18 de novembro, ocupando a cadeira de número 38, que está vaga desde o falecimento do acadêmico Rui de Almeida Barbosa. A escritora ganhou notoriedade quando o presidente Itamar Franco manifestou apreço pelo *Jardim Japonês*, seu livro de maior sucesso.

Suzuki tem 54 anos e começou a se interessar por filosofia oriental ainda pequena, por influência do budismo e de um tio que falava japonês. O fato de ter morado nas regiões de Registro e Mogi das Cruzes, fortemente marcadas pela presença da cultura nipônica, também influenciaram Suzuki, que, apesar disso, não tem ascendência japonesa. Ela herdou o sobrenome do marido. "Foi



Ana Suzuki toma posse em novembro: cadeira número 38

justamente o fato de ter me casado e adotado este nome que me deu coragem para me tornar a romancista da imigração japonesa no Brasil", explica.

Além de *Jardim Japonês*, Suzuki escreveu *A Flor de Vidro*, *Jonetsu*, *A Intrusa*, todo romances adultos, *A Marrequinha de Pequim* e *Guerra é Guerra*, dedicados ao público infanto-juvenil. Ela tem mais cinco romances que serão lançados em breve.

O ingresso de Suzuki na Academia Campinense de Letras aconteceu de forma curiosa. "Nunca pensei em entrar na Academia. Alguns amigos indicaram meu nome sem que eu soubesse e recebi uma grata surpresa quando fui convidada a me candidatar", revela a escritora.

A expectativa de participar de um grupo seleto de intelectuais anima a jovem acadêmica, que afirma gostar de se relacionar com pessoas idosas desde a infância.

Os imortais de Campinas

Presidente
 Mauro Sampaio
Secretário geral
 Lycurgo de Castro Santos Filho
1º secretário
 Júlio de Andrade Ferreira
2º secretário
 Maria Conceição Arruda Toledo
Tesoureiro
 Odilon Nogueira de Matos
Acadêmicos
 Antônio Leite Carvalhaes, Arlita Damasceno Petená, Benedito José Barreto Fonseca, Camilo Geraldo de Souza Coelho, Célia Siqueira Farjalatt, Celso Maria de Mello Pupo, Duílio Battistone Filho, Francisco Isolino de Siqueira, Heiládio José de Ávila Brito, Isolde Helena Praus, João Francis-

co Régis de Moraes, João Ribeiro Júnior, José Aristodemo Pinotti, Luiz Gonzaga de Abreu, Jorge Antônio José, José Roberto do Amaral Lapa, Maria Celestina Teixeira Torres, Maria Dézonne Pacheco Fernandes, Maria Lúcia Rangel Ricci, Marino Emílio Falcão Lopes, Maria José Moraes Pupo Nogueira, Mário Pires, Maurício de Moraes, Milton Duarte Segurado, Nair Santana Moscoso, Nelson Noronha Gustavo Filho, Paulo da Silva Pinheiro, Pedro Bondaczuk, Régis Torres de Castro, Rogério César de Cerqueira Leite, Rosalvo Madeira Cardoso, Rubem Alves, Stênio Pupo Nogueira, Uassy Martinelli.

CHURRASCARIA SANTA GERTRUDIS PROVA QUE TAMBÉM É BOA NOS PREÇOS:

MAMINHA MATURADA FATIADA, COM ACOMPANHAMENTO (p/2 pessoas) R\$ 16,00
 TRAZENDO ESTE ANUNCIO 50% DE DESCO. R\$ 8,00



EXPERIMENTE TAMBÉM A MELHOR PICANHA FATIADA DE CAMPINAS

AV CEL SILVA TELES Nº 600 F: 51-3014



Free Jazz

O *Free Jazz In Concert* que Nelson Motta vai apresentar no próximo sábado, pela Bandeirantes, estará mostrando porque a fusão do jazz com o rock, criada no final dos anos

60, tem-se revelado um dos estilos mais populares da música improvisada. Como destaque do programa, Herbie Hancock, David Sanborn, Al Jarreau e os Brecker Brothers.

Ballet Jazz

A Companhia *Les Ballets Jazz de Montreal* é a atração da Rede Cultura no próximo sábado, às 22:30 horas, num

espetáculo gravado com exclusividade no Teatro Arthur Rubinstein, da Sociedade A Hebraica.

Viagem sem volta

O personagem do ator Kadu Moliterno morreu na novela das oito, mas está perdido no céu da novela das sete. A piada foi gravada semana passada, com a pre-

sença do ator, e faz parte da matéria *O Além é uma Viagem Sem Volta*, atração do *Casseta & Planeta, Urgente!*, programado para o dia 11 de outubro.

Rodrigo não é bonzinho

Enganou-se quem pensava que Rodrigo (Fábio Assunção) era o homem perfeito. Tal qual a mãe, Lídia, o garotão quer dar o

golpe no baú e vai trocar a namorada Alice por uma ricaça, personagem vivida por Débora Evelyn em *Pátria Minha*.

ARQUIVO



Feliz Aniversário

Dercy Gonçalves vai viver Anita em *Feliz Aniversário*, especial que Roberto Talma começou a dirigir semana passada no Rio de Janeiro para a *Terça Nobre* da Globo. Baseada num conto de

Clarice Lispector, a trama mostra uma reunião hipócrita de filhos para o aniversário da matriarca da família. No fundo, todos só pensam no que vão lucrar com a morte dela.

Confissões de Adolescente

Uma semana especial na Cultura para a série *Confissões de Adolescente*. Hoje, às 23 horas, será exibido o piloto que deu origem à série --Prin-

cipe Encantado. Amanhã, também às 23 horas, será reprisado o "making of" do seriado dirigido por Daniel Filho.

ARQUIVO



Em forma

A atriz e modelo Alexia Deschamps arranhou um jeito de manter a forma mesmo durante as gravações de *Pátria Minha*. Enquanto todo mun-

do almoça, a loura esguia vai para uma academia que fica ao lado dos estúdios da Tycoon e malha durante mais de uma hora.

Gente de Expressão

Na quinta-feira, às 23:30 horas, no *Gente de Expressão*, pela Rede Manchete, Bruna Lombardi entrevista o humorista Bussunda, que fala sobre o seu dom de fazer rir. Ele conta que ganhou o apelido aos 12 anos e nunca fez análise porque morou durante 25 anos com a mãe, uma conceituada psicanalista.



Novos planos



A atriz Christiane Torloni quer descansar depois que *A Viagem* terminar. E também tem planos de fazer teatro e cinema. Também vai voltar às aulas de música, corpo e leitura.

RETA FINAL

Os artistas revelam em quem vão votar na segunda-feira

AGÊNCIA ESTADO

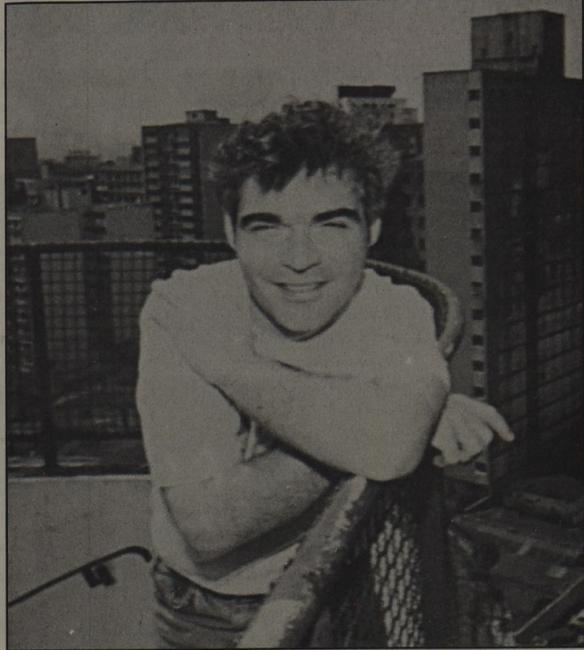
Parece que o Brasil está há alguns poucos dias de uma quermesse e não de uma eleição presidencial. O clima geral é o mais desanimado possível e parece que as brigas e patrulhas entre artistas coloridos e petistas, que abalaram a classe artística em 89, aconteceram há muito mais de quatro anos. A proibição da participação de atores e atrizes nas campanhas sepultou qualquer esperança de maior animação nessa reta final. Mas eles não estão alheios ou totalmente desesperançados.

ANA CECÍLIA SANTOS E
ANGELO ROSSI
Agência Estado

RIO — Não podendo exercer sua inegável influência, os atores participam das eleições como cidadãos comuns. Como qualquer brasileiro, alguns ainda não sabem em quem vão votar e, cansados de discórdias e problemas, têm um desejo comum: se unir para que tudo dê certo no Brasil a partir de 95. Um bom símbolo desse espírito é Rodolfo Bottino, o Heitor de *Pátria Minha*. Votou em Lula em 89. E quer votar em Lula em 98. Mas este ano ele fica mesmo com Fernando Henrique Cardoso, por uma questão prática: está pra lá de satisfeito com o Plano Real e adorou o novo ministro da Fazenda. Muito pragmático, ele confirma: "Sou mais o Lula, mas o momento econômico do País pede o FHC e o Ciro Gomes, que eu adoro e espero que continue no governo caso o Fernando Henrique ganhe".

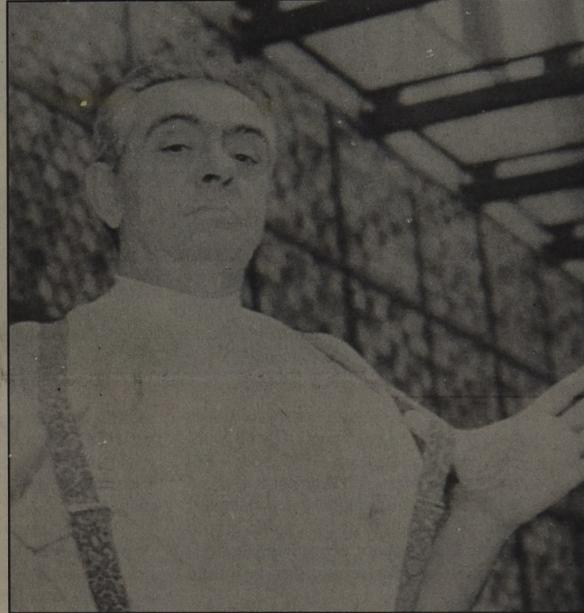
O ator nem quis olhar as propostas de seu candidato para a área cultural. "Isso não me interessa mais. Nunca precisei de ajuda do governo para fazer nada. O que me interessa agora é que o plano econômico está lotando os teatros. Hoje tenho a noção exata de quanto tenho para gastar", explica. Rodolfo Bottino não vê com tanta simpatia a participação de artistas em campanhas políticas. Lembra que nunca gravou programa eleitoral para candidato nenhum e acha que os atores fazem política de maneira muito mais eficiente quando estão em cima de um palco. "É através desse tipo de contato que influenciámos as pessoas".

O comediante Chico Anysio



Rodolfo Bottino: "Fico com o Fernando Henrique"

ARQUIVO



Chico Anysio: "Resolvi acompanhar o Ciro Gomes"

não concorda totalmente com Rodolfo Bottino. Ele acha justíssimo que os atores apareçam nos programas eleitorais de seus candidatos, mas fecha com o ator no apoio a FHC, também por uma questão prática. Mais precisamente, por conta do "efeito Ciro Gomes". "Eu ia votar no Lula, mas resolvi acompanhar o Ciro Gomes e vou votar no Fernando

Henrique. Como cearense, acompanhei o trabalho de Ciro e Tasso Jereissati e, na verdade, estou torcendo para qualquer um dos dois. O importante é o País dar certo", justifica.

O ator Fábio Assunção, e-leitor de Lula, acha que sua opção política pode não servir para os demais eleitores. Por isso, diz que seria um risco aconselhá-lo

como candidato. "Eu acredito que as pessoas têm o direito de manifestar suas opiniões, mas por acreditar na influência de uma figura pública, como é o ator, não acho justo usar isso para a campanha", justifica. Fábio explica que optou pelo candidato do PT, por causa da figura humana que Lula representa e não pelas ideologias defendidas por seu partido. "Voto em quem acredito e valoriza o potencial das pessoas".

Sobre o plano econômico, Fábio admite que está tateando no escuro: "Acho que sou tão ignorante nesse assunto como qualquer outro cidadão." Apesar de ter esperanças no futuro plano de FHC, ele acha que o candidato do PSDB não fez boas alianças políticas. "Ele está mal acompanhado." Ele acha que a política vem antes da economia, por isso é preciso que primeiro os partidos adquiram força e que os eleitores, através do exercício do voto aprendam a "fazer política".

Jackson Antunes está indeciso e achando a eleição muito morosa, mas é outro que quer mais é torcer por qualquer coisa que dê certo. "Estou sentindo uma euforia sincera nas ruas, por esse plano. E, meu Deus, é o que temos agora. Quero que dê certo sim", confirma. Ele acha que ninguém mais aguenta uma decepção e que o desinteresse é consequência lógica da descrença nos políticos, mas acredita que com um pequeno período de normalidade vai fazer a esperança no País voltar de maneira irresistível.

O que o ator espera do novo presidente, seja ele quem for, é uma ação decisiva de apoio à cultura, como vários outros colegas. "Uma lei de incentivo que funcione. Estou com minha peça na rua na marra. Se alguém tivesse se manifestado a esse respeito, acho que guardava meu voto pra ele com todo o carinho", revela.

Isadora Ribeiro, em princípio, preferia não falar no assunto, mas acabou revelando que espera do novo presidente o mesmo que a maioria dos brasileiros: trabalho, educação, saúde e segurança. Sérgio Marques, um dos autores de *Pátria Minha* é outro que não quer grandes milagres. Para ele, o Plano Real é meio eleitoreiro, mas ele espera sinceramente que tudo dê certo.

CRÍTICA/CINEMA

Fórmula simples garante sucesso

DIVULGAÇÃO

ANDRÉA MALAVOLTA

O que aconteceria se três pessoas com diferentes orientações sexuais fossem colocadas no mesmo quarto? O diretor Andrew Fleming encontrou a resposta em *Três Formas de Amar*, em cartaz no Galleria 5, que conta a história de três universitários - dois rapazes e uma moça - que dividem o mesmo quarto em um campus. Alex (Lara Flynn Boyle) é uma garota com nome de homem, colocada na ala masculina do alojamento devido a um erro de computador.

Apesar de não conseguir se livrar de algumas doses de obviedade, Fleming consegue fazer um bom filme. A fórmula encontrada é simples: Alex apaixonou-se por Eddy (Josh Charles), que se interessa por Stuart (Stephen Baldwin), mais preocupado com a própria vida do que com a dos companheiros. Aos problemas surgidos no triângulo amoroso, o diretor acrescenta a busca de identidade sexual dos jovens.



Três Formas de Amar, em cartaz no Galleria 5: doses de obviedade agradam

O que deveria ser um drama pesado ganha ares de comédia. A ambivalência sexual de Eddy, que não sabe se está interessado em A-

lex ou Stuart, é outro ponto de interesse. *Três Formas de Amar* é uma produção inspirada em *Uma Mulher Para Dois*, de François Truffaut. Isso

Fleming não esconde, mas as diferenças são muitas, a começar pela ambivalência sexual de um dos vértices do triângulo.